

11 MAR 1988

# Calazans pede a constituintes que encurtem mandato de Sarney

Bob Fernandes  
e Kido Guerra

BRASÍLIA — O cenário, o protagonista principal e a platéia permitiam uma previsão: o governo seria duramente atacado. Camilo Calazans, recém-demitido da presidência do Banco do Brasil não decepcionou os 150 parlamentares que lhe ofereceram um jantar de desagravo no restaurante da Câmara dos Deputados. Pediu-lhes que diminuíssem "o sofrimento do povo", na hora de votar o mandato do presidente José Sarney, atacou os banqueiros particulares e chamou Mailson da Nóbrega de desmoralizado, por tramar sua queda. E deu uma estocada final: "Eu, pelo menos, não saio por corrupção".

A maioria dos parlamentares ainda estava em plenário, votando na Constituinte, quando Camilo Calazans chegou ao 10º andar da Câmara. Sentou-se a uma mesa com o senador Severo Gomes (PMDB-SP) e o deputado Wilson Campos (PMDB-PE), organizadores do jantar, e abriu o verbo enquanto eram servidas doses de uísque Ballantines: "A pressão dos banqueiros particulares já era grande há muito tempo".

— E o Mailsson? — indagou Severo Gomes.

— Ele estava desmoralizado desde aquele episssódio do Emfa, quando perdeu a briga da URP para o brigadeiro Camarinha, e precisava dar uma demonstração de força ao Sarney e aos outros — respondeu o ex-presidente do Banco do Brasil.

**Desobediência** — A seguir, Calazans contou como se deu sua demissão:

— O Mailson me ligou e disse: "Você está demitido. Quando é que pode ser a posse do substituto?" Respondi que podia ser no dia seguinte, mas, antes, perguntei: "Demitido por quê?" "Por desobediência", explicou o Mailson, e eu cobrei: "Desobediência a quê?" E ele: "Você cumpriu a decisão do Tribunal Superior do Trabalho (a decisão do TST, tomada ainda no ano passado, obrigava o pagamento do reajuste de 40%, conforme acordo fechado em setembro de

1987)". Quando então ele disse isso, eu encerrei: "Vocês estão loucos".

Os senadores Marco Maciel (PFL-PE), Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), Luiz Vianna (PMDB-BA), Ruy Bacelar (PMDB-BA), Leite Chaves (PMDB-PR) e Albano Franco (PMDB-SE) chegaram juntos, durante o relato de Calazans. Depois de ser abraçado por todos, o ex-presidente do Banco do Brasil ainda disse a Severo Gomes:

— E nesta negociação da dívida externa, em seis meses, eles estarão perdidos..."

— Certamente. As reservas estão baixando novamente — concordou o senador.

**Ecletismo** — Já passavam das 22h, e a homenagem tornava-se a cada minuto mais eclética. Os comunistas Fernando Santana (BA) e Augusto Carvalho (DF) esperavam que Ricardo Fiúza (PFL-PE), do *Centrão* e Brandão Monteiro, líder do PDT, cumprimentassem Calazans.

Quase toda a bancada parlamentar do Banco do Brasil compareceu. Lá estavam, ou mandaram representantes, os funcionários aposentados ou licenciados Augusto Carvalho, Wilson Martins, (PMDB-MS), Aluizio Campos (PMDB-PB), Feres Nader (PTB-RJ), José Dutra (PMDB-AM), José Queiroz (PFL-SE), Luís Salomão (PDT-RJ), Noyder Barbosa (PMDB-ES), Osmir Lima (PMDB-AC) e Saulo Queiroz (PFL-MS). Luís Gushiken (PT-SP), que já dirigiu o Sindicato dos Bancários de São Paulo foi com "duas missões".

— Vim dar um abraço no Camilo e passar um abaixo-assinado para incorporar aos salários do Banco do Brasil o abono de 28% concedido ao Banco Central.

**Aplausos** — Servido o jantar (filé grelhado, peixe e legumes cozidos, vinhos tinto e branco) chegou a hora do discurso. Camilo Calazans falou 35 minutos. Começou lembrando que, no governo passado, "Ernane Galvêas e seu então secretário-geral Mailson da Nóbrega empreenderam uma política antinacional para aniquilar o Banco do Brasil".

Muito aplaudido, continuou:

— Com a política de 63 (captação de recursos externos com aval do Tesouro), eles chegaram a um estado de ilusão. Nem sabiam quais eram os juros que os credores fixaram e quase destruíram alguns setores da nossa economia.

Cada vez mais aplaudido, deu dois exemplos:

— Naqueles tempos, eles conseguiram destruir o cooperativismo do Rio Grande do Sul e quase arruinaram a economia açucareira do Nordeste.

Depois de citar Tancredo Neves — "que falta você nos faz" — como fizera no discurso de transmissão do cargo, à tarde, Calazans começou a disparar contra o Banco Central e os banqueiros:

— Os banqueiros não gostaram do novo papel do Banco do Brasil, de regulador do mercado financeiro, de moderador das taxas de juros. Já o Banco Central, muitas vezes, não defende o interesse público mas, sim, os interesses da classe dos banqueiros. Se o Banco Central exercesse suas funções, não seriam tantos os escândalos na área financeira.

**Pecado** — Recordando uma declaração do presidente da Federação Brasileira de Bancos, Roberto Konder Bornhausen — "O pecado do Calazans é que ele foi eficiente" — o ex-presidente do Banco do Brasil apontou os banqueiros como um dos fatores para sua queda. Em seguida indagou:

— O que fiz é imoral? — e respondeu: — Não. Imoral é o juro da dívida externa, superior a todos os salários das estatais e da Previdência, e que beneficia os nossos bancos. É preciso que se diga que ninguém tem conseguido atacar a especulação financeira comandada por eles.

Visivelmente emocionado, Camilo Calazans terminou seu discurso, já à meia hora de ontem, garantindo que ele poderia olhar nos olhos de seus filhos e dizer: "Eu não sou corrupto". Por fim, pediu aos parlamentares:

— Nos dêem a plenitude democrática o mais breve possível, encurtem o sofrimento do povo.